

# **AS MULHERES, OS HORMÔNIOS E EU**

## **Texto de Nanna de Castro**

### **Sinopse:**

*“As Mulheres, os Hormônios e Eu” traz um passeio divertidíssimo pela diversidade das mulheres sob a ótica de um renomado ginecologista. O Dr Sigmar é um ginecologista divorciado, introvertido, dedicou toda sua vida à medicina. Um mestre nos diagnósticos e nas questões fisiológicas do corpo feminino. Subitamente é acometido de crises de pânico quando precisa olhar para o órgão sexual feminino o que pode destruir sua carreira. Então busca a ajuda de uma psicoterapeuta, Dra Elaine, que usa métodos pouco ortodoxos. No consultório dela, Sigmar irá contracenar com as mulheres marcantes de sua história em busca da chave de sua neurose. Enquanto Elaine tenta quebrar as resistências emocionais dele, se coloca na pele de mulheres diferentes: ousadas, tímidas, modernas, reprimidas, ninfomaníacas, tpemicas, menopáusicas e todo tipo de pacientes que passaram por seu consultório ginecológico, inclusive ela mesma.*

***O cenário é um consultório. Em algumas cenas é o consultório de ginecologia do Dr.***

***Sigmar e noutras é o consultório terapêutico da Dra. Elaine. Há uma mesa com um notebook aberto sobre ela, uma cadeira, uma bergère onde os pacientes se sentam.***

***Há uma cama ginecológica num canto que só é iluminada no consultório do Dr. Sigmar.***

### **CENA 1**

*Pesadelo. Gritos de um homem apavorado. Luz azulada se acende sobre a cama ginecológica. Dr. Sigmar está sentado na cadeira em posição de exame, agarrado a uma piranha de pelúcia. Ela está em suas mãos e tenta atacá-lo. Ele tenta segurá-la e afastá-la do seu corpo. Está completamente apavorado. Luz se apaga.*

## CENA 2

*Consultório da Dra. Elaine. Ela está sentada em uma cadeira ao lado da bergère. Toma vários goles de um líquido roxo sobre a mesa. Dr. Sigmar entra. Está desconfortável.*

*Fica de pé.*

SIGMAR:

- Boa tarde, Dra. Elaine.

ELAINE:

- Boa tarde. Não precisa me chamar de doutora, eu não sou médica como o senhor. (T)

Finalmente, Dr. Sigmar, conseguiu vir.

SIGMAR:

- É... vim. Mais ou menos. Eu preciso que a senhora saiba que eu não acredito em psicoterapia. Enquanto método científico, eu acho vago.

ELAINE:

- Umhum.

SIGMAR:

- Já sei, como eu marquei e desmarquei várias vezes a senhora já avaliou que eu estou resistindo ao tratamento. Eu li sobre isto no *British Columbia Medical Journal*, eu leio

tudo, li sobre psicoterapia também, até sobre esoterismo eu já li, cromoterapia,  
(Irônico) terapia com cristais...

ELAINE:

- Abra os braços.

SIGMAR:

- Como?

ELAINE:

- Abra! Abra bem os braços!

*Dr. Sigmar abre um pouco os braços.*

ELAINE:

- Mais Dr. Sigmar, abra o máximo que o senhor puder.

*Ele abre os braços com força. Ela, num gesto rápido, preciso, agarra o saco dele e segura. Ele mal consegue respirar. Ela fala calmamente.*

ELAINE:

- Confiança e entrega. Confiança e entrega, são a base do processo terapêutico. Como no seu trabalho: o senhor é ginecologista, certo? Eu preciso entregar nas suas mãos

meu órgão sexual, não é mesmo? Confiar na sua técnica. Eu, por exemplo: tenho uma técnica para fazer isto. Aprendi num workshop do FBI em Nova York. Não machuco o paciente. Está machucando?

*Ele balança a cabeça negativamente.*

ELAINE:

- Então o senhor pode confiar e se entregar.

*Ela solta. Ele vai instintivamente para um canto da sala. Ela senta-se.*

ELAINE:

- Isto é apenas uma metáfora do meu método de trabalho. Confiança e entrega. O senhor não quer se sentar para conversarmos?

SIGMAR:

- Não. Eu estou bem de pé... E eu não pulo assim no órgão sexual das pessoas...

*(Recupera o tom de superioridade) O fato, Dra. Elaine...*

ELAINE:

- Eu não sou doutora, eu não fiz doutorado. O senhor é o doutor aqui. Aliás, o senhor é o maior ginecologista do país.

SIGMAR:

- É, sou. Mas a senhora também é uma psicoterapeuta bastante famosa, e poderia até ser uma doutora se quisesse. Então eu prefiro, eu me sinto mais confortável, chamando a senhora de doutora... Bem, Dra. Elaine, o fato é que, honestamente eu não gosto de terapia, nem dos métodos ortodoxos, muito menos dos heterodoxos. Eu acho, fazer terapia, desnecessário, uma perda de tempo. No meu consultório tive várias pacientes que faziam terapia. Várias! E eu posso garantir que ano após ano elas continuaram tão instáveis quanto no começo e se houve algum acréscimo de equilíbrio na personalidade destas mulheres decorreu de um melhor ajuste hormonal, de um mioma retirado, um implante de testosterona... Química, fisiologia, métodos comprovados cientificamente.

ELAINE:

- Sei. Mas eu não sou matemática, sou psicoterapeuta, estou longe de ser ortodoxa e estou vendo o senhor aqui dentro do meu consultório. Ou o senhor veio me convencer a fazer um concurso público ou imagino que o senhor veio fazer terapia.

SIGMAR:

- *(Perdido, mas na pose)* Não! A senhora está sendo muito simplista na sua colocação. Se a senhora falasse menos e me ouvisse, talvez eu pudesse explicar a minha presença aqui. A senhora está muito ansiosa... Possivelmente não tratou corretamente aquele seu problema de TPM aguda que eu diagnostiquei cinco anos atrás quando a senhora me procurou no meu consultório, bastante instável...

ELAINE:

- Parece que “instável” é a palavra que o senhor usa pra descrever as mulheres em geral.

SIGMAR:

- Mas a senhora, em específico, era bem instável. Bater o carro oito vezes num outro veículo numa disputa de vaga no supermercado é, a senhora há de convir, um comportamento bastante instável.

ELAINE:

- Touchê! Pelo visto o senhor releu também a minha ficha médica. Mas o senhor ia dizer por que veio aqui...

SIGMAR:

- Ah, sim! Eu vim aqui para comprovar, empiricamente, que eu não preciso vir aqui. Se eu não viesse, a minha decisão se basearia num preconceito, certo? Mas como eu vim e vi e pude avaliar com frieza a sua proposta de trabalho psicológico, e como eu continuo não vendo nada que possa me convencer da eficácia desta proposta, logo eu posso confirmar com imparcialidade minha avaliação a priori da irrelevância da psicoterapia na minha vida, aliás, na vida de qualquer pessoa. E sendo assim, eu agradeço a sua atenção, na saída acerto a sessão com sua secretária... e é isto. Até logo.

*Dra. Elaine se coloca na frente dele e estica a mão num gesto abrupto. Ele dá um pulo pra trás. Ela mantém a mão espalmada no ar esperando pela mão dele.*

ELAINE:

- Foi um prazer recebê-lo, Dr. Sigmar.

*Ele aperta a mão dela.*

SIGMAR:

- Ótimo! Muito bom. Passe lá quando precisar de uma reavaliação!

ELAINE:

- O senhor ainda tem 45 minutos, se quiser voltar.

*Ele sai. Ela fica arrumando suas coisas na mesa por alguns segundos. Ele volta.*

SIGMAR:

- Então, eu achei que não descrevi objetivamente o sintoma que me trouxe aqui. Eu gosto de ser bastante claro nesta área clínica, sabe? Imagina se uma paciente entrasse no meu consultório e não dissesse exatamente por que foi ali e fosse embora... Eu acho um despropósito isso. Eu gosto de conhecer a patologia, a disfunção, em

detalhes, entende? Então, em respeito ao seu trabalho, eu vou explicar melhor porque eu vim aqui.

*Ele senta-se na bergère.*

SIGMAR:

- Eu estava um dia passeando pelo museu Dorsay em Paris, a senhora deve conhecer, quando me deparei com um quadro, que eu nunca tinha visto antes, se chama “A Origem do Mundo” e imediatamente tive uma fortíssima crise de pânico. Desde então, eu não consigo mais olhar para um órgão sexual feminino. Não consigo. Eu tenho imediatamente uma crise de pânico. E eu sou um ginecologista, como a senhora sabe. É isto. Muito obrigado e até um dia.

*Os dois saem.*

### CENA 3

*Mudança de luz para pesadelo. Ele volta e com uma corda na mão e um capacete de mineiro na outra. Dra. Elaine quem se deita de costas na cama ginecológica, sua cabeça pende para trás e seus cabelos ficam eriçados como os de uma bruxa. Ela tem uma cara assustadora marcada pela luz. Ela cobre-se da cintura para baixo com um pano branco. Uma forte luz sai do meio de suas pernas. Ouvimos um barulho de água e*



*vento. Dr. Sigmar se aproxima com a corda na mão. Está com medo, parece uma criança.*

ELAINE:

- Venha Dr. Sigmar, venha me ajudar!

SIGMAR:

- Eu não posso!

ELAINE:

- Por favor, Dr. Sigmar, tem uma coisa queimando entre as minhas pernas e ela sobe para o meu pescoço, o senhor precisa ir lá e tirar a coisa!

SIGMAR:

- A senhora me desculpe, mas eu não consigo... Eu posso encaminhar a senhora para um colega!

ELAINE:

- Nããã! Só o senhor pode tirar isso de mim. Aaaa! Começou de novo! Um calor, um calor horrível subindo pelas minhas pernas! Está quente demais, está pegando fogo!  
Me ajude, Sigmar, seu menino mal!

SIGMAR:

- Calma... eu vou fazer alguma coisa... eu vou... Já sei!

*Dr. Sigmar deixa a corda no chão, vai até a coxia e volta com uma mangueira de jardim, aponta para o buraco do túnel.*

ELAINE:

- (Sotaque alemão) Nããã! Seu estúpido, vai molhar todo o meu vestido. Guarde esta mangueira, seu idiota! Você precisa ir lá! Jogue a corda no buraco e vá lá tirar a coisa. Seu moleque medroso e imprestável. Faça já o que eu estou mandando, Sigmar Eisberg!

SIGMAR:

- Tá... Eu já vou... Eu vou...

*Sigmar vai se aproximando das pernas dela. Ele olha estupefato para o meio das pernas de onde vem a forte luz.*

SIGMAR:

- O que é isso? O que...? Não! Não!

*Ouvimos a gargalhada da Dra. Elaine. Ele joga a corda e o capacete no chão e corre para o proscênio. Ela sai da cama e fica de pé no fundo.*

## CENA 4

*Consultório terapêutico. Dr. Sigmar senta-se na bergère.*

SIGMAR:

- Eu tenho tido estes pesadelos estranhos com ex-pacientes. Várias delas. É como se elas tivessem numa sala de espera aguardando o momento em que eu pego no sono. Algumas eu atendi quando eu era novo ainda. Meu Deus, como é que eu fui guardar estas mulheres dentro de mim? Elas sempre aparecem e elas nunca, nunca estão satisfeitas. Tem sempre algo que não tá bom e elas querem mais e mais... Parecem um buraco negro estas mulheres... E às vezes... às vezes elas têm a sua cara.

*Dra. Elaine entra em cena e fica atrás dele. Ela usa uma blusa de mangas compridas, sente calor, está incomodada.*

ELAINE:

- Só ex-pacientes?

SIGMAR:

- Só. São poucas as minhas pacientes, como a senhora, que não continuam comigo.

Aliás, porque a senhora não continuou comigo?

*Sem que ele veja, Dra. Elaine toma vários goles do líquido roxo sobre a mesa. Sente mais calor. Abana-se com a mão.*

ELAINE:

- Não interessa. (T) E esta paciente do sonho, ela não continuou com o senhor por quê?

SIGMAR:

- Não me lembro... Eu lembro que ela ia muito... ia demais. A cada dois meses ela marcava uma consulta... Teve um mês que ela foi duas vezes...

ELAINE:

- Mas ela tinha algum problema sério?

*Dra. Elaine pega um pequeno ventilador na gaveta da mesa e ventila dentro da própria blusa.*

SIGMAR:

- Não. Ela não tinha nada. Ela queria ser examinada só.

ELAINE:

- Ah, sei. Eu conversei com sua assistente, que está com o senhor há muitos anos...

SIGMAR:

- Dona Eloisa.

ELAINE:

- ...sobre as pacientes com quem o senhor teve algum tipo de desgaste. Esta eu acredito que tenha sido a dona Vanessa.

*Ele olha para trás, ela esconde o ventilador, disfarça.*

SIGMAR:

- Va-nes-sa! Isto! Era este o nome dela!

ELAINE:

- Dr. Sigmar, neste momento do processo terapêutico é fundamental que o senhor olhe para frente, para um ponto no infinito.

*Dra Elaine pega uma camiseta na gaveta da mesa.*

SIGMAR:

- Um ponto no infinito??

*Dra. Elaine vai tirando a blusa de manga comprida e trocando pela camiseta. Ele ameaça se virar.*

SIGMAR:

- Mas o que que isso tem a ver com...

ELAINE:

- Não olhe para trás!! Olhe para o futuro, para frente! Mantenha o foco Dr. Sigmar!

SIGMAR:

- (Incomodado) Qualquer ponto na parede?

*Ela troca a blusa apressadamente.*

ELAINE:

- Sim, qualquer ponto!

SIGMAR:

- Tá. Tô olhando pra um ponto. E agora?

*Ela acaba de se trocar.*

ELAINE:

- Agora nada, chega, não precisa mais.

*Ele olha pra ela abismado. Ela disfarça.*

ELAINE:

- Que que foi?? Confiança e entrega! E agora Vamos reviver esta cena e eu vou fazer o papel desta sua paciente.

SIGMAR:

- Não, não, não eu não gosto desta parte da encenação, esse psicodrama...

ELAINE:

- Psicodrama é outra técnica. A técnica do Playing Drama que eu desenvolvi é absolutamente mais complexa, mais profunda e mais catártica. Nós vamos reviver a cena buscando os fios de emoção soltos que vão nos levar a um poço fundo de emoção que deve ser ressignificada.

SIGMAR:

- A senhora já explicou e eu já disse que eu não sou ator. Nem na escola, quando eu era criança, ninguém me chamava pro teatrinho do final de ano. E antes que a senhora diga alguma coisa: não, isso não me traumatizava. Eu adorava quando me deixavam de fora daquele teatrinho. Aquelas fantasias ridículas de coelho, de flor...

ELAINE:

- Mas aqui o senhor não precisa ser coelho, nem flor, nem ator... Só precisa ser o senhor mesmo. E é assim que eu trabalho. Confiança e entrega! O senhor quer ser lembrado de como funciona?

SIGMAR:

- Não! Tá certo. Já vou me entregar. Vou tentar. Vamos lá...

*Dra. Elaine vai para um canto da sala. Concentra-se, faz alguma técnica maluca de respiração. Incorpora o personagem. Ele olha apreensivo. Ela levanta a cabeça e olha para ele bastante libidinosa.*

ELAINE/VANESSA:

- Olá, Dr. Sigmar!

SIGMAR:

- Olá, dona Vanessa, tudo bem? Eu imagino que sim porque faz pouco mais de um mês que eu examinei a senhora e estava tudo bem.

ELAINE/VANESSA:

- Então, eu queria ser examinada de novo, de repente o senhor deixou passar alguma coisinha.

SIGMAR:



- Eu sempre faço um exame minucioso, dona Vanessa, é muito difícil passar alguma coisa.

ELAINE/VANESSA:

- Mas eu vou pagar a consulta e quero que o senhor examine de novo.

*Ela senta-se na bergère e abre as pernas.*

ELAINE/VANESSA:

- Vem Dr. Sigmar.

SIGMAR:

- Sabe o que é dona Vanessa, quero dizer, Dra. Elaine, ela não era tão vulgar assim.

Aliás, ela era bem discreta, ela mal falava...

ELAINE:

- Tudo bem, isto aqui não é um documentário, e eu sei onde eu quero chegar.

SIGMAR:

- Eu não entendo como a senhora pode chegar a um resultado confiável partindo de uma premissa falsa. As minhas pacientes não se comportam desse jeito...

*Dra. Elaine irritada salta em direção a ele.*

ELAINE:

- Entrega, Dr. Sigmar!

SIGMAR:

- É que eu...

ELAINE:

- (Rosna) En-tre-ga!!

SIGMAR:

- Mas como a senhora é grossa! Tá bom... Posso só falar uma coisa? É que a dona Vanessa... Aquela mulher... era uma mulher carente, solitária, sem filhos, sem marido... Acho que ela gostava de ir lá no meu consultório... bater papo...

ELAINE:

- O senhor disse que ela mal falava. Porque que o senhor foge? Do que que o senhor tem tanto medo?!

SIGMAR:

- Medo? Que medo??

*Dra. Elaine entrega uma luva de látex para ele.*

ELAINE:

- Toma, veste a sua luva.

SIGMAR:

- A senhora não vai querer que eu...

*Ele veste a luva na mão direita.*

ELAINE:

- Anda, Dr. Sigmar, vista a sua luva porque ela já vai entrar, a dona Vanessa, e o senhor sabe o que ela quer... Ela está sentada na recepção lá fora... Como é que ela está vestida?

SIGMAR:

- Sei lá...

ELAINE:

- Feche os olhos, Dr. Sigmar, se esforce, traga a dona Vanessa para a sua memória: a roupa, o sapato, o perfume dela... Ela entrou na sala... O que ela quer?

*Ele fecha os olhos.*

SIGMAR:

- Ser examinada.

ELAINE:

- Ela quer ser tocada, Dr. Sigmar, ser tocada pela sua mão, ela sente prazer... O que o senhor sente?

*Dr. Sigmar abre os olhos e arranca a luva irritado.*

SIGMAR:

- Eu sinto que eu não tenho tempo para mulheres que não têm questões de ordem fisiológica, eu sou um ginecologista e obstetra, a senhora entende? Eu não sou garoto de programa! A minha mão é uma ferramenta de trabalho, extremamente precisa, inclusive.

ELAINE:

- Mas, para a dona Vanessa, sua mão tinha outro significado.

SIGMAR:

- (Irritado) Não me interessa, Dra. Elaine. O que se passa dentro da cabeça das mulheres que vão ao meu consultório, não faz parte do meu trabalho clínico. Eu sei separar muito bem as coisas. E eu acabo de lembrar porque ela não foi mais. Eu pedi à minha secretária que não marcasse mais sonhos pra ela, quero dizer consultas, não

marcasse mais consultas pra ela! E pronto. Agora, não faço ideia porque eu tenho que lidar com esta mulher quando eu preciso dormir. Aliás, eu não gosto de sonhar por isso: porque a gente não pode selecionar quem participa. (T) Não passaram os cinquenta minutos ainda? Parece que tem duas horas que eu estou aqui.

ELAINE:

- O senhor ficou irritado, já é um começo. Sim, o nosso tempo acabou. Até semana que vem, Dr. Sigmar.

SIGMAR:

- Olha... Eu não vou voltar mais. Muito obrigado. A senhora foi ótima. Uma ótima terapeuta. Acho até que houve algum progresso. Mas eu não quero mesmo continuar.

Adeus!

*Ele sai de cena, ela senta-se na bergère cansada.*

## CENA 5

*Ele entra pela outra coxia. Vai para no proscênio.*

SIGMAR:

- Então, eu vim a mais esta sessão, mas acho que foi um erro. Eu realmente não vejo avanços...

ELAINE:

- (Saco cheio) Tá... tá...

*Ele sai de cena. Ela apenas muda de posição na bergère. Exausta.*

## CENA 6

*Ele entra novamente pela outra coxa.*

SIGMAR:

- Eu já sei qual é o meu problema: é de personalidade! Se eu disse que não voltaria mais aqui e eu não deveria mais voltar aqui...

ELAINE:

- (Saco cheio) Já sei, vai embora de novo. Tchau, Dr. Sigmar.

*Ele sai de cena.*

## CENA 7

*Ela deita-se na bergère e abre as pernas. Coloca um pano cobrindo da cintura pra baixo. Dr. Sigmar entra novamente e senta-se na ponta da bergère. Começa a mexer*

*no meio de suas pernas como se a examinasse. Ela fala compulsivamente e cada vez mais indignada. Ele responde desinteressado e sem prestar muita atenção.*

ELAINE/PAULA:

- (Muito indignada) ...aí, Dr. Sigmar o percevejo macho avança pra cima da fêmea...

SIGMAR:

- Sei...

ELAINE/PAULA:

- ... Em vez de encontrar órgãos reprodutores da fêmea, ele golpeia ela como se desse facadas e deposita o esperma no estômago dela... E deixa ela lá...

SIGMAR:

- Sei, dona Paula...

ELAINE/PAULA:

- Então, o esperma viaja através da corrente sanguínea da fêmea em recipientes de esperma e acaba chegando aos ovários...

SIGMAR:

- Sei... Ótimo.

ELAINE/PAULA:

- Ótimo?? Ótimo pra quem Dr. Sigmar? Só se for pro senhor, porque pra coitada da perceveja é péssimo.

SIGMAR:

- Coisas da natureza, dona Paula... Eu confirmei, mais uma vez, pelo toque que provavelmente a causa da dor é uma retroversão uterina. Mas a senhora precisa fazer os exames que eu solicitei...

ELAINE/PAULA:

- E o senhor me diz: pra que?

SIGMAR:

- Pra que? Pra confirmar a hipótese diag...

ELAINE/PAULA:

- Pra que que o percevejo precisa dar facadas no estômago da fêmea???

SIGMAR:

- Isso eu não sei, não é a minha área... Como eu já expliquei, nas últimas quatro consultas, é muito possível que a dor que a senhora sente nas relações sexuais tenha ligação com esta retroversão. O útero fica virado para trás...



ELAINE/PAULA:

- Mas a perceveja não tem útero, Dr. Sigmar, nem virado pra frente, nem pra trás!

Custava este escroto deste desgraçado deste percevejo enfiar o pinto dele gentilmente no lugar certo??

SIGMAR:

- (Tentando ser agressivo) Dona Paula! Do-na Pau-la! Chega! Está escrito

entomologista na minha porta?? Olha aqui!.. (Respira fundo, toma coragem) Eu

preciso dizer... (Respira, toma coragem) É imperativo que eu diga à senhora...

*Dra. Elaine desce da maca e vem para perto dele...*

ELAINE:

- Isso Dr. Sigmar, a emoção, coloca pra fora!

SIGMAR:

- (Fazendo um enorme esforço) É imperativo que eu diga que... não me interessa se o

percevejo macho é um sádico... se ele parte a perceveja em duas com uma serra

elétrica... se ele enfia o esperma dele pela orelha dela e bate ela na parede até o

esperma descer pro ovário, a senhora me entende?...

ELAINE:

- Mais, Dr. Sigmar!

SIGMAR:

- Isso, realmente, não me im-por-ta! E eu quero que...

ELAINE:

- Isso, diga pra ela!

SIGMAR:

- Eu quero que a senhora... (Se esforça) Eu quero que a senhor vá... Vá pra p...

(Desiste) Vá pra sua casa agora! E nunca, a senhora entendeu? Nun-ca mais marque uma consulta!! (T) Pronto, chega, falei!

*Sigmar senta-se na bergére exausto, ofegante. Elaine senta-se na poltrona perto dele.*

ELAINE:

- Muito bom Dr. Sigmar. É isso! Estamos melhorando. Já sinto uma leve presença da carga emocional.

SIGMAR:

- Detesto! Olha, tô até suado. Eu não gosto de me alterar Dra. Elaine, não gosto. Eu não preciso ter relações emocionais com as pacientes. Eu quero que elas mantenham a distância adequada...

ELAINE:

- Ah, é difícil manter a distância adequada de uma pessoa que enfia a mão dentro da gente, o senhor não acha?

SIGMAR:

- Enfio a mão? Não entendo porque a senhora tem de ser tão grosseira.

ELAINE:

- Direta. A nossa proposta terapêutica é baseada na honestidade. Confiança e entrega. Não enfia a mão?

SIGMAR:

- Não é a mão... São dois dedos e com luva. (*Mostra os dedos indicador e anular unidos*) Estes dedos aqui já fizeram muitos diagnósticos super complexos apenas com um toque, a senhora entende? Já me sugeriram até colocar estes dedos no seguro. (T) Olha, eu acho melhor eu procurar um psicanalista freudiano ortodoxo, fazer uma terapia mais tradicional, esse negócio de encenar as situações me deixa muito, muito...

ELAINE:

- Incomodado?

SIGMAR:

- Suado.

ELAINE:

- Olha aqui Dr. Sigmar, se o senhor tivesse uns dez anos pra escarafunchar seu Complexo de Édipo, seus traumas da fase oral, seu medo da castração, o senhor estaria agora num psicanalista ortodoxo e não na minha frente. O senhor veio aqui porque precisa ser arrancado desta situação dramática. É isto: é dramático um ginecologista que não consegue mais olhar pra uma...

SIGMAR:

- (Interrompe) Pelo amor de Deus!

ELAINE:

- Gente, qual o problema de falar a palavra bo...

SIGMAR:

- Não precisa! Eu sei o nome da coisa, Dra. Elaine!

ELAINE:

- Este é o problema, Dr. Sigmar: o senhor trata este órgão feminino, assim como todo o resto que está conectado a ele como uma coisa. E agora, de repente, esta coisa ficou viva...

SIGMAR:

- Que viva?! É apenas uma formação diferenciada de tecidos com uma função específica, como um nariz, uma orelha...

ELAINE:

- Ah é? Então vamos olhar para este tecido diferenciado.

*Dra. Elaine começa a desabotoar a calça. Ele se levanta e segura as mãos dela.*

SIGMAR:

- A senhora é louca?? Eu não quero ver a sua... a sua genitália...

ELAINE:

- Mas o senhor está olhando para o meu nariz.

SIGMAR:

- Aqui não é o ambiente adequado para se mostrar a genitália. É preciso obedecer as regras sociais. Nós não somos índios. E depois eu já vi a sua genitália, quando a senhora foi minha paciente.

ELAINE:

- Ah, mas hoje ela é diferente.

SIGMAR:

- Ah sei, a senhora tingiu, fez um corte novo??

ELAINE:

- Não, Dr. Sigmar, é que hoje o senhor tem medo dela.

SIGMAR:

- É verdade. Que droga isso! Por que, Dra. Elaine, porque isto foi acontecer comigo?

ELAINE:

- É o que vamos descobrir. (T) O senhor se lembra de alguma emoção relacionada à minha genitália?

SIGMAR:

- Olha, sendo muito honesto, desde meu tempo de residente até hoje eu devo ter visto mais de oitenta mil genitálias, eu não me lembro da sua. Quer saber, eu acho que eu estou estressado, só isso. Eu vou viajar...

ELAINE:

- De novo? Eu não acredito.

SIGMAR:

- ... ficar um mês viajando, e quando eu voltar, com certeza vou estar curado destas crises de pânico. Se eu não estiver curado, eu volto pra terapia, ok? Muito obrigado pela sua atenção. Até mais...

*Ele estica a mão. Dra. Elaine vai até sua mesa e pega uma foto.*

ELAINE:

- Olha, abandono de terapia tem limite. O senhor não precisa voltar mais.

*Ela estica a foto para ele.*

ELIANE:

- Porque o senhor não vai a Paris e aproveita para rever o quadro "A Origem do Mundo". Olha, tenho até uma foto dele aqui que eu fiz para um momento posterior do tratamento. Como o senhor vai novamente embora e desta vez não vai voltar, pode ficar com ela.

*Ela estica a foto para ele. Ele segura a foto sem olhá-la: se sente sufocado, fica ofegante. Dra. Elaine sai de cena.*

## CENA 8

*Consultório ginecológico. Dr. Sigmar, segurando a foto de forma a não poder vê-la, senta-se à mesa. Ele faz um esforço descomunal para olhar a foto, mas não consegue. Coloca a foto virada sobre a mesa, pega o telefone e fala com sua secretária.*

SIGMAR:

- Dona Eloisa, a senhora fez aquela pesquisa para mim sobre o quadro? (Escuta) A Origem do Mundo, isto! (Escuta) Mandou pro meu e-mail? (Escuta) Ótimo. Mas a senhora não colocou nenhuma foto do quadro na mensagem, certo? Eu pedi só texto, sem fotos! (Escuta) Ok, dona Eloisa, obrigado.

*Ele abre seu e-mail no notebook, tenso. Lê...*

SIGMAR:

- A Origem do Mundo, obra pintada em 1866 pelo pintor realista francês Gustave Courbet... encomendada pelo colecionador de obras eróticas, o diplomata turco Khalil-Bey... a obra passou a maior parte de sua vida escondida por cortinas ou por outras obras... Seu último proprietário foi o psicanalista Jacques Lacan...

*Faxineira entra na sala.*

MARIA:

- Ai desculpa, seu Sigma, o senhor num tá vindo mais, achei que o senhor nem tava aí.



SIGMAR:

- Tudo bem Maria, pode ir fazendo o seu serviço. Já tô terminando aqui.

*Maria varre enquanto olha de rabo de olho para ele.*

MARIA:

- Tá sumido, né seu Sigma?

*Ele segue concentrado na pesquisa sem dar atenção.*

MARIA:

- Antes aqui vivia lotado. Agora é esse vazio. Quase não tem o que limpar.

SIGMAR:

- Sei.

MARIA:

- A dona Eloisa disse que o senhor teve um pobrema. E quem não tem pobrema, né seu Sigma? Todo mundo tem pobrema. Até um homem como o senhor tem pobrema...

Eu tenho um monte de pobrema. Mas é tudo a vontade de Jesus, né seu Sigma?

Amém!

SIGMAR:

- Umhum.

MARIA:

- Jesus quer que a gente sofra pra aprender. Amém! (T) Ah, seu Sigma, o senhor podia fazer um pedido de exame pra mim?

SIGMAR:

- Pedido de exame? Você tá com algum problema, Maria?

MARIA:

- Não tô não, é que eu queria de novo aquela foto lá de dentro, sabe...

SIGMAR:

- Foto lá de dentro?

MARIA:

- Aquela que o home coloca a câmera dentro da gente assim... (Aponta de leve pro ventre, envergonhada) E faz uma foto.

SIGMAR:

- Lá dentro? Uma Colposcopia? Uma foto do colo do útero?

MARIA:

- Isso!

SIGMAR:

- Pra que a senhora quer uma Colposcopia?

MARIA:

- É que o meu marido pediu. A que ele tem já tá meio apagada, sabe?

SIGMAR:

- O seu marido pediu?

MARIA:

- É Seu Sigma, pra botar na carteira. Ele carrega na carteira, ele gosta.

SIGMAR:

- *(Perplexo)* Ah, tá, eu faço, depois eu faço...

*Sem querer Sigmar, bate a mão na foto sobre a mesa e ela cai no chão. Maria corre para pegar.*

MARIA:

- Pode deixar, Seu Sigma!

*Ele tenta pegar a foto primeiro, mas não consegue. Ela pega a foto e olha perplexa.*

MARIA:

- Pai eterno e misericordioso! É o fim do mundo!

*Sigmar levanta rápido e toma a foto dela.*

SIGMAR:

- Não, Maria é o início, é a Origem do Mundo.

MARIA:

- Que origem do mundo o quê, seu Sigma? Pouca vergonha isso é que é!

SIGMAR:

- É um quadro, Maria, de um pintor famoso, um quadro caríssimo... e eu estou pensando em... em comprar pra colocar aqui no consultório, é isso!

MARIA:

- Olha, seu Sigma, faz mais de seis ano que eu faço faxina aqui pro senhor, eu sempre gostei muito do senhor, da dona Eloisa e tudo... Sempre fui respeitada, sempre recebi direitinho. Mas se o senhor puser uma indecência dessa na parede, o senhor me desculpe, mas eu não trabalho aqui mais não.

SIGMAR:

- Maria este quadro hoje está num museu em Paris, milhares de pessoas olham pra ele todos os dias...

MARIA:

- É por isso, Seu Sigma, que este mundo tá perdido do jeito que tá. Bem que dona Eloisa disse que o senhor tava com pobrema. Vou rezar pelo senhor, Seu Sigma, vou pedir a Jesus pra te dar a cura. Amém!

SIGMAR:

- Isso aqui, Maria, é só uma imagem de um órgão do corpo humano, nem é o órgão em si, entende? É só uma representação pictórica do órgão... e é arte.

MARIA:

- Na minha cidade lá na Bahia tinha umas artista dessa. Minha mãe falava: Maria não conversa com essas aí que é tudo pu...

SIGMAR:

- (Interrompe) Amém, Maria! Amém!! Pode sair, depois você limpa a sala.

*Faxineira sai. Sigmar volta ao seu computador e lê em voz alta.*

SIGMAR:

- “A Origem do Mundo mostra os genitais femininos da maneira mais crua possível. Vê-se um torso da mulher, os seios, o ventre, as pernas afastadas, a frondosa cobertura pubiana e a vagina entreaberta.”.

*Sempre sem olhar pra ela, Sigmar joga a foto no lixo e vai saindo. Volta.*

SIGMAR:

- Não. Alguém pode mexer no meu lixo. Melhor colocar fogo.

*Volta para o telefone.*

SIGMAR:

- Dona Eloisa, a senhora tem um fósforo? (Escuta) Um isqueiro? (Escuta) Não? Tudo bem. Obrigado. (Desliga) Já sei, vou jogar pela janela, um prédio de quinze andares, ninguém vai saber que saiu daqui.

*Ele sai de cena. Ouvimos sons dele forçando a janela. Faz uma força enorme. Volta ao telefone bastante cansado.*

SIGMAR:

- Dona Eloisa, as janelas do nosso consultório não abrem? (Escuta) Ah, não? (Escuta) Segurança. Ar condicionado. Sei. (Escuta) Não, eu nunca reparei. (Escuta) Eu tô bem, dona Eloisa, eu tô ótimo, eu só queria me jogar... digo, eu só queria jogar uma coisa

pela janela. (Escuta) Eu sei que é perigoso, pode ficar tranquila. (Escuta) Não, não precisa chamar ninguém, eu estou ótimo, foi só um lapso de linguagem. Obrigado.

*Desliga o telefone e enfia a foto no bolso e sai.*

## CENA 9

*Pesadelo. Luz se acende sobre as grades de uma jaula. Dra. Elaine surge atrás das grades vestida com um maiô cheio de brilhos, ela agora é Conga a Mulher Gorila.*

*Sigmar entra e senta-se de frente para a jaula. Ouvimos a voz dela em Off.*

VOZ OFF DRA ELAINE:

- Pode ficar calmo Dr. Sigmar, estamos no universo científico está tudo sobre controle...

*Conga dentro da jaula começa a ofegar, incomodada.*

VOZ OFF DRA ELAINE:

- Esta mulher está sobre controle e prometo que nada de mal vai acontecer com o senhor...

*Conga fica mais nervosa, e mais ofegante, como um animal. Dr. Sigmar começa a ficar assustado e olhar para as saídas.*

VOZ OFF DRA ELAINE:

- Calma, Conga, calma... Não precisa ficar nervosa. Está tudo bem, Dr. Sigmar, ela já vai se acalmar...

*Conga começa a se agitar e se transformar em um macaco. As luzes começam a piscar.*

VOZ OFF DRA ELAINE:

- (Firme) Controle-se Conga... Tente se controlar! (Se desespera) Meu Deus! Não Conga, não!

*Conga se transforma em macaca, se agarra às grades e tenta arrancá-las.*

VOZ OFF DRA ELAINE:

- Conga! Meu Deus, ela está ficando descontrolada. Mas tudo bem, as grades da jaula são feitas de titânio... (Grita) Se afaste das grades, Conga!!!

*Conga arranca as grades da jaula.*

VOZ OFF DRA ELAINE:

- Minha nossa, não acredito, Conga, não! Não!!!!

*Black out. Ouvimos o grito de terror de Dr. Sigmar.*



**CENA 10**

*Consultório ginecológico. Dr. Sigmar anda de um lado para o outro, está hiperexcitado, descabelado, com a camisa para fora da calça. Despeja o líquido de uma garrafa térmica em um copo. Pega um frasco de comprimidos e toma vários com uma golada do líquido. Dra. Elaine entra.*

ELAINE:

- Dr. Sigmar?

*Sigmar estica o copo para ela. Tem os olhos arregalados.*

SIGMAR:

- Café com guaraná em pó e chá de gengibre... *(Mostra o frasco)* E esse aqui é um estimulante do sistema nervoso central. O mais moderno. Você fica 48 horas acordado sem nenhum efeito colateral. É uma maravilha. Aceita um? Eu resolvi o problema dos sonhos. Estou quase livre deles. É fácil, é só não dormir mais. *(Olha fixo para ela. Fica subitamente apavorado)* Meu Deus! Mas o que que a senhora está fazendo aqui? Será que eu dormi? Será que eu dormi e tô sonhando??

ELAINE:

- Calma, o senhor está acordado, sou eu mesma. A dona Eloisa me ligou. Ela disse que o senhor não tem ido mais pra sua casa.

SIGMAR:

- Não, em casa a tentação de dormir é maior. Eu não posso ir pra casa. E depois eu tenho tudo aqui, tenho banheiro, chuveiro, trouxe umas roupas, a dona Eloisa traz comida pra mim... A minha mulher reclamava sempre: porque que você não muda de vez praquele consultório? Te falei que eu fui casado? Fui, mas acabou.

ELAINE:

- A dona Eloisa disse que tem uma semana que o senhor não dorme.

SIGMAR:

- Não sei. Isso eu não sei. Uma semana, já? Ótimo!

*Elaine senta-se.*

ELAINE:

- (Com carinho) Vem cá, Dr. Sigmar, senta aqui do meu lado.

*Ele balança a cabeça, negativamente, assustado.*

ELAINE:

- Pode vir, eu não vou fazer nada com o senhor. Eu sei, eu tenho sido meio grossa, é verdade...

*Ele fixa o olhar abaixo do nariz dela.*

SIGMAR:

- A senhora está mais peluda.

ELAINE:

- Eu?

SIGMAR:

- Levanta, deixa eu ver sua cintura.

*Ela continua sentada. Ele tem um insight, soca o ar, fala alto.*

SIGMAR:

- É isso! Hirsutismo, obesidade, amenorreia, irritação: ovário policístico! Ela tem ovário policístico!!

ELAINE:

- Eu não tenho ovário policístico.

SIGMAR:

- Você não, a moça do caixa da padaria. O Hélio, meu office boy, chama ela de Conga a Mulher Gorila por causa dos pelos.

ELAINE:

- Que horror!

SIGMAR:

- Eu preciso fazer uma receita. Eu peço pra dona Eloisa levar lá pra Conga, na padaria.

*Ele procura seu receituário nas gavetas da mesa.*

SIGMAR:

- Onde tá meu receituário?...

ELAINE:

- Dr. Sigmar, senta aqui, por favor...

SIGMAR:

- (Olha para ela) Oi?

ELAINE:

- Depois você faz a receita. Senta aqui.

*Ela mostra uma caixa de remédio tarja preta para ele.*

ELAINE:

- Ó! Calmante... eu tô tomando.

*Ele senta-se ao lado dela apreensivo. Ela segura a mão dele carinhosamente. Ele fica surpreso. Ela não diz nada. Ficam os dois em silêncio por longos segundos.*

SIGMAR:

- Isso é alguma nova técnica terapêutica?

ELAINE:

- Não.

*Novo longo silêncio.*

ELAINE:

- Eu tô entrando na menopausa.

SIGMAR:

- Eu percebi. Tem exames aí? Eu posso dar uma olhada.

ELAINE:

- Calaboca.

SIGMAR:

- Tá.

ELAINE:

- Eu sinto muito medo de perder a minha feminilidade, sabe? Eu me olho no espelho e não me vejo. Eu não sou aquela mulher do espelho. Eu descobri que, pra mim, eu nunca vou ter mais do que trinta anos. Mesmo que a minha cintura esteja desaparecendo, eu sempre entro naquela maldita loja de departamentos e tento experimentar uma calça "G". Mas o "G" deles não passa mais nas minhas coxas o senhor entende? Aí eu peço a "GG" que eu sei que não vai servir também porque tudo naquela loja foi feito pra uma menina de vinte e cinco anos. Então eu preciso pegar o meu carro e ir bem longe, onde tem uma loja minúscula com umas roupas bem feinhas e uma placa assim bem grande: tamanhos especiais. E a menina que eu sou não entende o que ela foi fazer naquela loja, sabe? Ela também não entende porque ficou tão difícil arrumar um namorado. Porque os machos não olham pras mulheres que não têm mais cinturinha e bundão? Nem peão da construção civil mexe comigo mais. É verdade, eu fiz o teste outro dia. Coloquei um decote no umbigo, uma calça super apertada, daquelas que você não pode fazer xixi porque não vai conseguir fechar ela de novo, e passei bem do lado do andaime. O cara não tirou o olho da furadeira. Tá eu não tô mais na idade fértil, mas eu não tô morta, nem eu (*aponta a vagina*) nem ela.

Aliás, ela tá super viva. Ela tá hiperativa, até! Mas eu não posso andar por aí com um cartaz: hoje eu sou muito melhor na cama do que aos vinte e cinco! Experimente! Eu sei que tá tudo despencando. E tá faltando tudo: estrogênio, elastina, serotonina, cálcio... E sei que o senhor vai dizer pra eu fazer reposição hormonal e tomar um antidepressivo e parar com esta choradeira, esse mi-mi-mi feminino. Mas não é só hormônio, Dr. Sigmar, é alguém que a gente foi e que de repente não existe mais para o mundo, mas a gente continua sendo lá dentro. É uma forma de despedida e luto diário de alguém que a gente amou e de quem a gente sente uma puta saudade, mas precisa deixar pra poder começar de novo. (T) Bom, eu precisava dizer isto pro senhor, não sei por quê.

*Ela se levanta.*

ELAINE:

- Dr. Sigmar eu adoraria retomar o nosso tratamento. Nem que seja por mais um mês até que o senhor decida ir embora de novo. Sabe por quê? Por que eu gosto do senhor. Eu acho o senhor divertido. Então seu horário de sempre está marcado, esta semana. E eu vou estar lá esperando, ok?

## **Cena 11**

*Consultório terapêutico. Ela se levanta e senta em sua cadeira. Ele arruma sua roupa, o cabelo e senta-se na bergère.*

ELAINE:

- Que bom que o senhor voltou, Dr. Sigmar.

SIGMAR:

- Não precisa me chamar de senhor, nem de doutor.

ELAINE:

- Legal, não precisa me chamar de senhora também.

SIGMAR:

- Esta noite eu não sonhei com nenhuma ex-paciente...

ELAINE:

- Ótimo.

SIGMAR:

- Sonhei que eu enfiei as mãos dentro de uma lata de tinta azul. Fiquei com as mãos cheias de tinta azul. E eu gostava. É estranho porque eu detesto sujar a mão. Imagina enfiar a mão numa lata de tinta azul, aquilo entra debaixo da unha e não sai nunca mais, um horror...

ELAINE:



- Espera, não fala mais nada!

*Dra. Elaine pega em sua gaveta uma moeda amarrada na ponta de uma corrente e começa a balançar na frente do rosto dele como um pêndulo.*

ELAINE:

- Concentre-se na moeda.

SIGMAR:

- Olha, um shekel, é uma moeda judaica.

ELAINE:

- Concentre-se no movimento, apenas no movimento da moeda.

SIGMAR:

- Mas é um shekel antigo, dá pra vender para um colecionador. Deve valer uns...

ELAINE:

- Esqueça o valor da moeda, concentre-se no movimento Sigmar, no movimento, você está ficando com sono, suas pálpebras estão pesadas...

*Ele vai ficando sonolento. Vai fechando os olhos.*

SIGMAR:

- Uns 100 dólares...

ELAINE:

- Você vai entrar num sono profundo, mas, mesmo assim, vai continuar ouvindo a minha voz...

*Ele luta contra o sono. Fecha os olhos. Arregala de novo.*

SIGMAR:

- 120 dólares, talvez.

*Ele apaga. A cabeça cai. Está hipnotizado.*

ELAINE:

- Muito bem Sigmar, agora eu quero que você pense em tinta azul... Você sabe onde tem uma lata de tinta azul?

*Ele fala como criança.*

SIGMAR:

- No quarto da Dedé, ela tá pintando a parede de azul.

ELAINE:

- Quem é a Dedé?

SIGMAR:

- Andrea, ué, a empregada.

ELAINE:

- Sei... E você quer colocar a mão na tinta?

SIGMAR:

- (*Maldoso*) Só na tinta não.

ELAINE:

- Onde você quer colocar a mão?

SIGMAR:

- Não posso falar.

ELAINE:

- Vai lá Sigmar, põe a mão onde você quiser.

SIGMAR:

- Pode?

ELAINE:

- Pode, a Dedé deixa.

SIGMAR:

- É, ela deixa, a Dedé é legal.

*Ele faz uma cara muito feliz e levada.*

ELAINE:

- Que que você tá fazendo?

SIGMAR:

- Colocando minha mão em tudo.

*A expressão dele muda, fica tensa, ele se encolhe.*

ELAINE:

- Que foi?

SIGMAR:

- Ela chegou. (T) Não mãe, não!

ELAINE:

- Que que tá acontecendo agora?

SIGMAR:

- Tô apanhando, não tá vendo??

*Ele cai de joelhos no chão.*

ELAINE:

- E agora, o que foi?

SIGMAR:

- Tô ajoelhado no feijão de frente pra parede, você é cega?

ELAINE:

- Tá, chega, você pode voltar agora. Escuta a minha voz, Sigmar. Agora você está vendo uma porta de luz.

SIGMAR:

- Porta de luz?? Não.

ELAINE:

- Tem sim, Sigmar! Procura ai que tem uma porta de luz!

SIGMAR:

- Não, não tem não... Perai! Ah, achei!

ELAINE:

- Ótimo! Você vai entrar por esta porta e voltar para cá para o consultório. Eu vou contar até três e você vai acordar. Vamos lá: um, dois, três!

*Ele abre os olhos, olha para ela e começa a chorar copiosamente.*

SIGMAR:

- Meu Deus, a tinta azul. Apaguei completamente isso! Ela mandou a Dedé embora. E me fez limpar as mãos todo dia cinquenta vezes com álcool. Cinquenta! E ela ficava do lado, contando. Ficou tudo irritado. E a Dedé... foi a mulher mais maravilhosa, mais carinhosa que eu conheci na vida. Só ela me entendia. Quem mais poderia deixar uma criança fazer aquilo que eu fiz? Não foi maldade dela, foi amor.

ELAINE:

- Talvez venha daí o medo de tocar o órgão sexual de uma mulher... Porque sua mãe te pegou tocando a bo... a genitália da empregada e...

SIGMAR:

- Eu não toquei a genitália dela.

ELAINE:

- Não?

SIGMAR:

- Eu molhei as mãos na tinta e fui colocando a marca das minhas mãos em tudo, nas paredes brancas da sala, dos quartos, da cozinha... E eu lembro que no final fiquei olhando aquilo maravilhado, as paredes cheias de mãozinhas azuis, porque naquele momento eu tinha descoberto o que eu queria ser na vida... E eu não tinha dúvida, Elaine: eu queria ser artista.

*Ele percebe que está de joelhos no chão. Se levanta muito sem graça. Vai se recompondo.*

SIGMAR:

- Nossa! Que coisa!! Até chorei, você viu?

ELAINE:

- Vi.

SIGMAR:

- Muito esquisito, chorar.

ELAINE:

- Eu acho uma delícia. Atualmente eu choro o tempo todo. Não tem a cor de esmalte que eu uso na farmácia, eu choro.

*Eles se olham. Ele ri. Fica sem graça de novo.*

SIGMAR:

- Então, agora eu acho que acabou mesmo, né? Acho que a agora eu vou embora mesmo.

*Ela sorri calada.*

SIGMAR:

- Porque agora tá tudo resolvido, quer ver? Cadê a foto da Origem do Mundo?

*Ele tira a foto do bolso. Hesita um pouco. Dá uma encarada na foto. Não sente nada.*

SIGMAR:

- Viu! Tudo resolvido. Acho que agora a gente pode finalmente dizer adeus, mesmo... Adeus, definitivamente... Eu vim aqui, eu não acreditava, mas agora eu acredito, porque você me provou que funciona. Parabéns! É muito bom saber que a gente pode terminar tudo assim bem, com um processo bem sucedido... Fim!



ELAINE:

- Aham.

*Ele aperta a mão dela com força.*

SIGMAR:

- *(Firme e decidido)* É isso então, Elaine, foi realmente um prazer ter vindo aqui e ter vivido tudo isto com você eu acho que me transformou muito e me fez crescer e ver a vida de outra forma e... e...

ELAINE:

- E?

SIGMAR:

- E até semana que vem!

*Ele sai de cena. Ela ri e sai na outra direção.*

*Black out.*

**Fim.**